

# As primeiras modestas letras de Aeminium-Coimbra

por A. E. Maia do Amaral \*

Parece emergir um novo paradigma na escrita científica: Não bastam a exactidão das palavras, a lógica do discurso, a legibilidade do todo, interessa agora introduzir intriga, *pathos*, dramatismo, se possível. Se tal existir neste pequeno artigo, não será mérito meu, mas da sua origem tumultuosa. Foi quase tudo escrito há vinte anos: Corriam gelados como já não são os idos de Novembro de 1982 em que um amigo me pediu um artigo de três páginas de "qualquer coisa de arqueologia" para acabar de compor o volume do "Arquivo Coimbrão": -- Olha que só tens dois dias... -- Não! Então três... -- Está bem!

Será preciso dizer que esse número quase pronto da revista não chegou a sair e que esse artigo muito urgente não chegou a publicar-se? Estava escrito que este texto da "Notícia de uma marca de oleiro sobre pondus, de Coimbra" pertencia ao "Arquivo", nunca consegui publicá-lo noutra sítio. Agora, em Maio de 2002, desta vez sem urgências, voltam a dizer-me que querem publicar o "Arquivo Coimbrão" e... podem adivinhar: Quase sem mudar dez palavras, entreguei a velha notícia, que durante todos estes anos não perdeu nem ganhou actualidade. Infelizmente para a Arqueologia e infelizmente para Coimbra, que continua a não ter uma Carta Arqueológica, nem um Gabinete Municipal de Arqueologia e que só agora volta a ter a sua revista municipal de cultura.

## A notícia

Recentemente -- escrevi em 1982 -- percorria a pé a Rua de São Salvador e notei que umas obras ali em conclusão, da responsabilidade da EDP, tinham provocado profundos revolvimentos do solo em algumas artérias. Dado o adiantamento dos trabalhos, já em estado de enchimento e refecção da calçada, só a palavra dos trabalhadores ficou por garantia de não se terem encontrado e destruído ruínas significativas <sup>1</sup>.

Nos montes de terra deixados pelas obras, nomeadamente naqueles provenientes do largo fronteiro à Igreja de São Salvador, misturavam-se, entretanto, materiais arqueológicos de várias épocas: aí recolhi três *pondera*

---

\* Licenciado em História-Arqueologia. Bibliotecário.

<sup>1</sup> Como não tenho de respeitar (arqueologicamente) o meu próprio texto, não deixarei de ir introduzindo novas notas à notícia original; sobretudo, quando posso ter julgado mal ou mudado de opinião. É o caso: Hoje, penso que a inquirição dos trabalhadores é muito pouco fiável, e feita como a fiz. Facto incontestável é que, antes ou depois, todos os outros remeximentos profundos naquele subsolo vieram a dar com estruturas arqueológicas: Desde os tempos mais remotos em que todo o, depois chamado, Largo da Feira foi uma "pedreira", entenda-se sítio onde se ia buscar pedra (já aparelhada, romana?), passando pela colocação dos trilhos do eléctrico, em 1932 (que deu com as bases e fustes de coluna recolhidos no Museu), até às obras que, em 1989, puseram a descoberto sepulturas antropomórficas, todas elas dão com estruturas e com materiais.

<sup>2</sup>, entre os quais aquele que é objecto desta notícia, e ainda fragmentos de pequena anforeta romana <sup>3</sup>, de mármore branco de revestimento <sup>4</sup>, de diversa cerâmica alto-medieval <sup>5</sup> e de azulejos hispano-árabes <sup>6</sup>. De imediato contactei com o Prof. Doutor Jorge de Alarcão, então director do Instituto de Arqueologia da F.L.U.C., que solicitou a ida ao local dos Drs. António J. Nunes Monteiro e A. J. Nunes Pinto. Inspeccionamos juntos os entulhos e assistimos à sua remoção <sup>7</sup>, mas nada mais digno de nota apareceu do período romano.

## O objecto

O peso que se ilustra, fracturado e incompleto, pertence pela sua forma sensivelmente paralelepipedica ao Tipo I da classificação de Adília Alarcão e Françoise Mayet <sup>8</sup>. A pasta é mal cosida (friável e com núcleo ligeiramente mais acinzentado) de cor ocre e homogénea, de granulometria fina, com pouca mica (moscovite) e nódulos ferruginosos. Tem dois orifícios de suspensão, aproximadamente paralelos e produzidos pelo mesmo instrumento pouco perfeito que deixou um negativo característico no seu interior: Dois vergões paralelos, distantes 2mm. À peça faltam já a parte inferior e toda (?) a posterior, levadas por fracturas antigas, muito erodidas <sup>9</sup>. Altura máxima conservada 86mm, largura 73mm, espessura máxima (conservada?) 44mm. No topo apresenta uma inscrição, traçada no barro mole por um instrumento de ponta fina (prego?), sendo o campo epigráfico toda a face superior do peso. A leitura não é evidente: "M" ou "AA"? Pelo menos, suspeito que se deva ler na posição em que a represento no desenho, porque no traço "horizontal", riscado após todos os outros (ele atravessa e oblitera dois dos traços "verticais-obliquos"), pode notar-se na extremidade direita um levantamento final do instrumento traçador, gesto típico de um escrevente dextro. A leitura e a interpretação das marcas nestes materiais cerâmicos é daquelas que só é possível com base em grandes conjuntos, de preferência

---

<sup>2</sup> Os outros dois pesos de tear são do mesmo tipo, com dois orifícios de suspensão e com marcas de oleiro esgrafitadas: um tem uma cruz, outro um "x", marcas as mais comuns nas peças de Coimbra. Encontram-se já referidos por António J. Nunes Monteiro - Dordias (Pombalinho, Soure) : uma estação romana no território da Ladeia. "Rev. Port. de História", Coimbra, t. 31, vol. 1 (1996), nota 17.

<sup>3</sup> Fragmento de bordo com o arranque de uma asa, insusceptível de classificação: Pasta com rara mica e calcite, cor castanho alaranjado, bem cosida; boca provavelmente muito esvasada, bordo vagamente almendrado, asa em fita com sulco mediano (larg.=69mm. Espess. Máx.=16mm), espessura média da parede 7mm.

<sup>4</sup> Talhe verosimilmente romano, com uma espessura média de 17,5mm.

<sup>5</sup> Consideradas formas típicas pelo Dr. António José Nunes Pinto, então responsável pelas escavações da Alcáçova de Coimbra.

<sup>6</sup> De aresta, vidrado branco, azul ultramarino, verde claro e manganês.

<sup>7</sup> Não resisto a introduzir outra nota para chamar a atenção para a criação na periferia da cidade de muitas falsas estações arqueológicas nos locais onde estas terras são despejadas. Este é um verdadeiro problema que estamos a criar aos arqueólogos do futuro.

<sup>8</sup> Jorge de Alarcão, e outros - Fouilles de Conimbriga... , vol. VII : trouvailles diverses, Paris, Diffusion E. de Boccard, 1979, p. 55-57, fig. da p. 62.

<sup>9</sup> Registe-se o peso actual de 293g que, dado o estado de conservação referido, deve considerar-se irrelevante.

provenientes de estratigrafias bem definidas. Não é o caso de Coimbra, onde a maioria dos *pondera* com marcas de oleiro continua inédita <sup>10</sup>.

A profusão de marcas ilegíveis, de círculos, cruces e xis, leva-me a não me obstinar em demasia com a questão da leitura desta marca. Porque as marcas eram isso mesmo, marcas, não legendas, não têm de ser um nome obrigatoriamente. E a tentação de ler aqui M(aelonis) dever-se-á apenas ao bom conhecimento que hoje temos do oleiro Maelo de Conimbriga. Tive dúvidas há vinte anos, tenho-as agora: Estou convencido que para saber "lê-la" vai ser preciso esperar por mais e melhores achados e pela sua publicação sistemática.

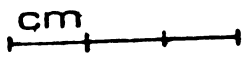
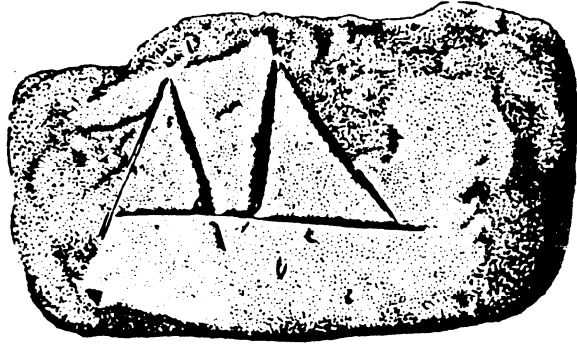
## Epílogo

Para terminar, o mesmo apelo de há vinte anos: Que as obras projectadas pelos departamentos do Estado, Empresas Públicas e a própria Autarquia, dentro de "centro histórico" de Coimbra, sejam antecedidas de prospecções e/ou acompanhadas por arqueólogos; quantas evidências preciosas, quantas destruições inúteis e estúpidas se não poupariam desta forma? Ainda que só pequenos fragmentos de barro cosido, são peças como estas que, um dia, podem permitir dar algumas respostas às dúvidas que subsistem sobre a Coimbra romana. Testemunhando a produção, o comércio ou o uso (às vezes, a reutilização) de bens modestos que em nenhuma casa haviam de faltar, e bem assim os nomes que, de outra forma, não chegaram às páginas da história, estes cacos são inestimáveis para o arqueólogo. E mal ficaria numa cidade que se pretende viveiro de cultura deixar de importar-se com o que serão os mais antigos documentos aqui escritos, para que o futuro possa e saiba ler neles com mais desenvoltura e proveito do que nós.

Coimbra, Novembro de 1982 - Maio de 2002

---

<sup>10</sup> O nosso contributo para esse *corpus* já tinha sido dado com a publicação de duas peças em *Materiais romanos do Largo da Sé Velha, "Munda"*, Coimbra, 10, 1985, p. 41-45.



11/212 G.